

B. Léza



Cadernos de um Trovador

VELADIMIR ROMANO

B.Léza
Cadernos de um Trovador

Edição
ACE - Associação Cultural ETNIA
2004



Ficha Técnica

Título

B.Léza - Cadernos de um Trovador

Edição e coordenação

ACE - Associação Cultural ETNIA

Autor

Veladimir Romano

Grafismo e paginação

Vera Rocha

Publicado no âmbito do

Projecto InterculturaCidade

Co-financiamento

PIC EQUAL/Fundo Social Europeu

Tiragem

2000 exemplares

Impressão

Grafis, CRL

Depósito Legal

227892/05

Contactos:

etnia.info@vianw.pt

Rua do Poço dos Negros, 68 - 1B

1200-340 Lisboa

Telf.: /Fax: +351.21.395.81.87

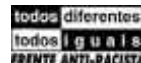
© 2004 V.R./ B.Léza / ACE - ETNIA

Distribuição gratuita. Proibida a venda e a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou do editor.

Projecto
InterculturaCidade:



Parceria de
Desenvolvimento



Co-financiamento:



B.Léza - Cadernos de um Trovador

Sumário

Prefácio	4
Momentos de uma vida	6
B' Léza versus B.Léza	13
Canções contra o Nazismo	20
B.Léza em Lisboa	24
B.Léza por B.Léza	
Lírica.....	26
A Dança da Morna	42
Alguma poesia	44
Quatro poemas inéditos.....	46
Referências	
Titina de B.Léza	51
Bana	54
António Firmino	56
Notas biográficas.....	59
Bibliografia e discografia	60

Prefácio

O seu a seu dono. A culpa disto tudo é do João Freire, que um dia, no final dos idos de 70, me revelou o admirável mundo da música popular caboverdiana, pela mão de génio do saudoso Antoninbo Travadinha, então um ilustre desconhecido que o João tinha conhecido em Cabo Verde e que viria a acolher (em circunstâncias que dariam outro livro) em Portugal. Nessa altura, por cá “não havia” ainda Cesária Évora, e éramos poucos os não-crioulos a interessar-nos seriamente durante o dia por aquela música alegadamente “da noite”. Recordo dessa época momentos e descobertas incríveis. Livros. Pessoas. Ideias. A Hora di Bai do Manuel Ferreira, imbatível. E o som do Armando Tito, que felizmente ainda aí está para a música e para vida, resistindo a canalhices várias e a cíclicos boatos agoirentos.

Foi assim que Cabo Verde me entrou na cabeça e no coração, apesar de só muitos anos mais tarde, na viragem do século, ter conseguido lá pôr os pés e entender que tudo o que eu havia imaginado ficava muito aquém da realidade. Nesses escassos dez dias reencontrei o Vasco Martins, que não via há quase uma década, sentei-me á conversa com o malogrado Orlando Pantera, partilhando sonhos que a estúpida morte cedo iria cruelmente cortar, emocionei-me com o espectáculo memorável do grupo Cordas do Sol na Baía das Gatas, madrugada adentro, todo um povo literalmente a seus pés, dançando e cantando as mazurkas e os kolás de Santo Antão como se de uma celebração da própria vida se tratasse.

*Por detrás de tudo isso estive sempre a música e a história de B.Léza. Mas só mais tarde o entendi, quando me apercebi da importância e do significado da vida e da obra do genial criador de “Mar Azul”, já com a ETNLA instalada em pleno bairro de São Bento, onde uns bons anos antes eu encontrara pela primeira vez justamente a notável versão de “Mar Azul” na voz de Cesária, numa pequena loja já desaparecida, a dois passos da Rua da Paz.**

*B.Léza viveu durante alguns anos na Rua da Paz, no bairro de São Bento

E aqui a responsabilidade vai inteira para o Veladimir Romano - velho amigo e companheiro de causas difíceis que hoje assina com toda a autoridade este “caderno de um trovador” - que então me foi revelando muito a custo, com a timidez e o aparente desprendimento que o caracterizam, os laços pessoais que o ligavam a essa figura fundamental da música e da cultura caboverdiana, lusófona, do mundo.

Entretanto iniciou-se, após um nascimento atribulado, o projecto InterCulturaCidade. E novamente o senhor Francisco Xavier da Cruz, B.Léza, entrou na minha vida, nas vidas de todos nós. Primeiro nas cordas do Armando Tito e nas telas do António Firmino - nas “Noites Caboverdianas “ do velho Palácio Cabral, em Santa Catarina - depois nos velhos discos de vinil e nos inúmeros documentos que o Veladimir nos foi trazendo, mês após mês, e finalmente na revelação luminosa do “Bronze”, o mítico violão de B.Léza, único como só ele, que orgulhosamente expusemos na montra do Centro InterculturaCidade para assinalar a proximidade do seu 1º Centenário.

Bem vistas as coisas, B.Léza também foi um homem do bairro. A sua memória está bem viva no espírito e no coração da comunidade. A sua música anda nos lábios das gentes, ouve-se quando se passa em frente dos cafés ou dos territórios locais da noite, um dos quais ostenta inclusivamente o seu nome.

Este livrinho é pois uma justíssima homenagem a um criador cuja importância artística transcende em muito o território físico ou afectivo das ilhas de Cabo Verde, e também ao bairro mais emblemático da diáspora caboverdiana em Portugal, onde de resto o artista também viveu numa pequena mas significativa fase da sua vida.

Mário Alves

Presidente da ACE - Associação Cultural Etnia

(Parceria de Desenvolvimento do Projecto InterCulturaCidade)

Momentos
de uma
vida

A arte da música domina o querer e o poder inventivo da criatura humana. Mais que conduzir-nos a uma independência ou a um caminho escolhido, o racional e a ponderação divisória das mais diferentes formas de aplicação da força do livre-arbítrio marcam as diferenças na escala assumida em todos nós ao encontro de uma evolução não de todo compreendida, mas, mesmo assim, parte de um esclarecimento conquistado vida após vida. São essas as viagens infinitas que qualquer um realiza ao longo da sua vida através dos imensos e diversos mares imaginários que nos rodeiam.

A História de Portugal e do mundo está marcada por extraordinários feitos, dos quais a participação dos portugueses nos Descobrimentos é um dos mais marcantes. Primeiro protagonista na criação de novos exemplares da espécie humana, de que os crioulos são parte genuína, Portugal, sem o saber, foi efectivamente construindo um outro mundo marcado pela lei do constante querer saber, do querer conhecer, da definição de novas fronteiras da arte e da ciência. Com o seu engenho e a sua argúcia ímpares, foram os navegantes de Quinhentos que iniciaram essa caminhada única através das águas do planeta.

O arquipélago de Cabo Verde, na costa ocidental de África, é hoje uma testemunha constante desse passado que une dois povos com muitas semelhanças e com muitas culpas históricas comuns, expressas numa linguagem onde as diferenças são essa raiz rara marcada nas leis das afinidades.

É certamente devido a essa riqueza criadora, construída no transporte dos genes, que o povo caboverdiano pode hoje ser considerado “um dos

mais bonitos do mundo” na opinião de duas pessoas de nacionalidade e características totalmente distintas, e que sem sequer se conhecerem afirmam exactamente a mesma coisa. François Post, editor discográfico de Cesária Évora, Bau e outros categorizados artistas de Cabo Verde, residente em Paris, e Antas Teles, um luso-moçambicano amante da cultura musical de Cabo Verde, director do ICEP em Lisboa.

Passadas algumas gerações e tantas páginas de história desde a independência da pequena nação insular, estamos assim em presença de um resultado que legitima de forma significativa a aposta na busca de uma identidade própria feita num raiar de sol de Abril de 1974, que também despertou novas esperanças para Portugal. E na verdade, para lá da relevância que assume na vida das ilhas crioulas, este ano de 2005 é também um momento determinante na história dos dois povos, porque a grande figura da cultura caboverdiana, de que se comemora o centenário, é de há muitos anos a esta parte cantado e tocado vezes sem conta por esse mundo fora, esse mesmo mundo que os navegantes portugueses criaram, levando e trazendo novas nas plumas dos seus escrivães e na voz dos seus arautos. Quer seja em Cabo Verde ou em Portugal, a lembrança de alguém que dedicou a maior parte da sua vida à criação artística e ao enriquecimento da cultura, é nota de mérito assumida. Primeiramente, pelo que representa em termos de participação activa na formação de valores para uma civilização que se quer em permanente evolução; em segundo lugar, pelo que contém de construção da personalidade e do carácter de um outro povo. E também pela sua mensagem, pelo seu clamor, pela participação, pelo acreditar. Ou ainda pela sua sensibilidade, pelo seu humanismo e pelas suas qualidades espirituais.

Como alerta o actual representante diplomático de Cabo Verde em Lisboa, Onésimo Silveira, “*É bom nós não esquecermos aqueles que são nossos...*”. É essa razão e força apelativa que nos impele de forma tão sedutora, quase obrigatória, a apresentar este trabalho. Expressão do nosso reconhecimento, do nosso aplauso perante a vida e a obra de Francisco Xavier da Cruz, estes *Cadernos de Um Trovador* são também o *pontapé de saída* do centenário desse notável poeta, compositor e músico marcado na margem pela curta aparência de um pseudónimo hoje conhecido em praticamente todo o mundo. Com a sua arte, com a sua popularidade imbatível através dos tempos, B.Léza transformou-se de alguma forma num outro tipo de embaixador dessas pequenas ilhas vulcânicas, parcela silenciosa do Atlântico, filhas de um Trópico de Câncer admiradoras das noites de luar e dos dias manchados no raiar da primeira estrela da manhã, preguiçosas ao vento e enxutas pela chuva que leva tempo a chegar.







Pintura de António Firmino, acrílico sobre papel, da série "Postais Musicais de Cabo Verde"

Será este talvez o momento ideal para partirmos numa curta viagem em torno do período em que B.Léza viveu em Lisboa, coincidentemente um dos mais conturbados da história da Humanidade (anos 40), marcado pela guerra e pelos seus padecimentos, pela incerteza, pelo racionamento e por muita fúria.

Depois de uma passagem pelos bairros de Alcântara e da Ajuda, B.Léza fixou-se numa área da cidade velha por cuja noite viajou madrugadas sem fim, entre o Bairro Alto e São Bento, tendo morado no rés-do-chão do número 67 da Rua da Paz, na Rua do Poço dos Negros e finalmente na Travessa do Oleiro. Durante todo esse tempo fez questão de estar sempre perto dos seus conterrâneos, sempre atento aos acontecimentos do seu

tempo, sempre actualizado em relação aos problemas e à situação da comunidade imigrante, às questões sociais, educativas até política.

Enquanto não temos a oportunidade de ler a sua biografia, aguardada há cerca de quinze anos pelo público em geral e em especial pelo povo caboverdiano, fiquemos assim no aconchego desta iniciativa e partamos para esta aventura, resumida mas nem por isso menos apetecível, afim de conhecermos um pouco da vida dessa figura inesquecível a quem outro grande compositor e tocador crioulo, Luís Rendall, chamou um dia *O Grande Trovador das Ilhas*”.

Monte Cara, S. Vicente, Cabo Verde, fotografia de A. Eloy



B'Leza
versus
B.Léza

Uma das curiosidades mais interessantes da personalidade de Francisco Xavier da Cruz é o de desde muito jovem ter sido conhecido por diminutivos ou alcunhas (nominha, na expressão crioula). Com efeito, já na escola secundária que frequentou no Mindelo, na ilha de São Vicente, ele era *Frank* Xavier, diminutivo de Francisco e gíria do dialecto crioulo de influência inglesa, muito popular na época em que sua idosa mãe, D. Maria Rosa, gostava igualmente de lhe chamar de *Frank*. Foi sinal de uma popularidade junto do público feminino que já na adolescência se fazia notar. Espírito irrequieto e comunicativo, Frank, era o personagem que elogiava talvez no subconsciente do sentir da sua poesia nascente as meninas crioulas do liceu, chamando-lhes *belezinhas*, e as visadas, quando os piropos alcançavam a confiança desejada, passaram a retribuir-lhe respondendo-lhe, em género de eco, “*olá, belezinha!*” Inconscientemente, estava assim traçado o caminho do que viria a ser efectivamente a história deste nome, que se transformaria no pseudónimo crioulo mais conhecido de sempre dentro e fora de Cabo Verde.

A interferência artística de *Frank* Xavier na vida social de Cabo Verde começa muito cedo, ainda durante uma juventude onde se manifesta já um precoce compositor e um respeitável tocador de violão, compondo e arranjando temas, aperfeiçoando o carácter experimental das suas melodias. Na sua maioria, essas composições eram dedicatórias ou canções que lhe eram pedidas por alguém que queria homenagear a namorada, a mãe ou outro familiar querido, uma prova de amizade ou de respeito por um qualquer mais velho, a lembrança de um amor que partiu, o clube do coração, a chegada do Carnaval, os dias de Natal ou o aniversário de alguém ilustre.



Pintura de António Firmino, acrílico sobre papel,
da série "Postais Musicais de Cabo Verde"

Muito em voga em Cabo Verde no início do século XX, as serenatas de porta em porta viriam a constituir o ponto culminante da evidência das qualidades e potencialidades artísticas de *Frank*, que a partir dos 14 anos já fazia teatro (onde nunca faltava, no final, uma amostra musical de sua autoria!) e revelava uma criatividade própria, genuína, cantando e acompanhando-se ao violão, ao cavaquinho ou ainda ao violino.

Porto de refúgio natural da ilha de São Vicente, a baía do Mindelo foi desde sempre um ponto de escala privilegiado na história da navegação marítima internacional. Assim, a cidade do Mindelo tornou-se o principal centro económico do arquipélago, transformando-se também numa porta aberta para o mundo exterior para onde os caboverdianos partiram quando as famosas frotas marítimas que viajavam continuamente entre os continentes europeu e americano. E se para os marinheiros de passagem Cabo Verde era local de abastecimento, e refúgio, de repouso e recolhimento, de divertimento, de aprendizagem e de transmissão de conhecimentos, para os caboverdianos, seres de espírito universal e miscigenado, dotados de uma indómita vontade de vencer, esses navios foram o elo de ligação que faltava para que a linha do horizonte lhes estivesse finalmente ao alcance do gesto e do sonho.

Estava assim aberto o caminho para a partida continuada de muitos naturais das ilhas, para o início da saga da emigração que daria origem, ao longo de gerações, a essas comunidades que hoje tão bem representam em todos os cantos do planeta um povo trabalhador, sacrificado, acolhedor, resistente e que sabe dividir a vida em duas faces: na tristeza da sua chamada *hora di bai* e na alegria da *morabeza*. É essa a forma de bem receber de um povo pobre que vive ricamente, ornamentando a vida com a sua maior

herança: as várias formas musicais que lhe são próprias, e que ao longo dos anos se foram transmitindo, tomando forma e corpo até ganhar alma para evidenciarem essa riqueza inquestionável, variada e moldada por sons rigorosos em compasso mutável.

Quando o caboverdiano parte, leva consigo as notas musicais da sua enorme diversidade cultural, e com essa diversidade a memória dos seus compositores. *Frank* Xavier conseguiu desde muito cedo captar essa marca registada no espírito dos conterrâneos, pondo assim ao serviço do seu povo uma homenagem permanente ao longo da sua curta vida, e baseando as suas composições num chamamento ao povo das ilhas de Cabo Verde, dentro e fora do arquipélago.

Com pouco mais de vinte anos, as suas composições manifestam já uma força invulgar. E se grande parte delas são dedicadas a D. Maria Rosa, sua mãe, a quem esteve sempre muito ligado, também em mornas como *Ronco di Mar* ou *Nossa Senhora da Luz* podemos sentir um amadurecimento igualmente precoce, surpreendente. Foi porém a convivência com marítimos de origem brasileira, em escala por São Vicente, que trouxe á vida e ao universo criativo de *Frank* uma outra realidade, assim nascendo a primeira ideia de adoptar um pseudónimo.

Sendo alguns dos tripulantes também músicos, quando chegavam a terra procuravam saber onde podiam tocar e divertir-se. As crianças, eternas andorinhas-cicerone, guias sempre iguais a si próprias, atentas a quem desembarcava e na procura de poder ganhar alguma coisa ou descobrir esse mundo estranho de além-mar, não se faziam rogadas e, com orgulho, indicavam a casa de D. Maria Rosa como lugar ideal de tocatina:

“Ali, sim, toca-se violão... com o senhor Frank...”

Conta-se entretanto que a primeira vez que os músicos brasileiros foram dirigidos para o Lombo, um dos bairros de São Vicente e local de residência de D. Maria Rosa, estavam reunidos *Frank* e um punhado de amigos, tocando algumas composições e ensaiando repertório para uma festa na vila piscatória de São Pedro no fim-de-semana seguinte. No final, os brasileiros não quiseram sair sem conhecer e felicitar aquele jovem tocador. Segundo o testemunho de outro lendário músico caboverdiano, Luís Rendall - seu compadre amigo e companheiro de tantas tocatinas por toda a ilha de São Vicente - os brasileiros dirigiram-se a *Frank* Xavier com palavras da maior simpatia, exclamando:

“Mas, rapaz, você é uma beleza!”, *“Rapaz, você toca que é uma beleza!”*.

Nos dias seguintes, sempre que voltavam ao cais os brasileiros só pediam aos garotos que os levassem de novo a tal casa onde tocava aquele *“jovem belezinha...”*. Essa situação foi-se repetindo durante muitas outras passagens dos transatlânticos pela baía do Mindelo, assim se criando e estreitando afinidades entre gentes aparentemente tão distantes e na realidade tão próximas. Seguindo o exemplo dos brasileiros, também os habitantes da ilha começaram a chamar *belezinha* a *Frank*, e este decidiu-se então a trabalhar melhor o substantivo dando-lhe um outro cariz mais pessoal, como que uma assinatura, marca ou poder original que associasse as suas composições a uma imagem e a um conceito de diferença, no quadro da música caboverdiana da época. A tentativa inicial foi a da retirada da primeira vogal da palavra *beleza*, transformando-se assim logo à partida um substantivo em nome próprio: B´Léza. Mais tarde, o pseudónimo evoluiu para B´Léza, com a segunda consoante em letra de caixa alta. E alguns anos mais tarde, na sua busca constante do aperfeiçoamento desse *título artístico* nasceria a designação pela qual Francisco Xavier da Cruz acabaria por ser mais conhecido tal como hoje é: B.Léza.



Canções
contra o
Nazismo

Com pouco mais de trinta anos B.Léza torna-se líder da comunidade musical em Cabo Verde, recebendo convite e orientação de Lisboa para preparar um grupo representativa das ilhas na *Exposição do Mundo Português*, primeira no género, a realizar em Lisboa na Praça do Império.

Estava-se no final do ano de 1939, em plena II Guerra Mundial, e as tropas nazis tinham já invadido a Europa do Leste, prenunciando um tempo marcado pelas cores do inferno. Tentando afirmar-se internacionalmente como país neutral. Portugal jogava com a *Exposição do Mundo Português*, uma das suas mais ambiciosas cartas de propaganda, na esperança de projectar interna e externamente uma imagem privilegiada de paz e de concórdia e de mostrar que era possível gerir sem sobressaltos várias e vastas porções de territórios além-fronteiras, com tão diversos povos irmanados sob uma só bandeira e um só governo.

Atento ao desenrolar da situação internacional e curiosa de saber a verdade, a população caboverdiana vai conhecendo quem são os ingleses e os alemães, em virtude da abertura dos seus portos aos navios estrangeiros e às facilidades de contacto decorrentes da política de neutralidade de Portugal. A azáfama marítima que o porto do Mindelo tem nessa época leva também com que a Guerra seja discutida muito mais entusiástica e abertamente em São Vicente, do que em qualquer outra ilha do arquipélago. Não é portanto de estranhar que nos finais de 1939 as crianças mais crescidas do Mindelo cantarolassem já uma recente composição de B.Léza acabada de nascer e rapidamente aprendida, intitulada: *Adolf ca tâ ganhá ni nada!*

O seu ritmo de *coladera* agradava às pessoas, e a canção tornou-se extremamente popular. Em determinada altura, o facto chegou ao conhecimento de um oficial da marinha de guerra alemã de visita à ilha, o qual imediatamente quis conhecer o seu autor assim que soube da existência na ilha de uma canção que tinha um dito cujo *Adolf*, referenciado como lírica da música.

Quando o oficial alemão conseguiu conhecer B.Léza, perguntou-lhe por que razão ele escrevera uma composição tão ousada assim e se ele não teria medo de um dia, depois da guerra e da vitória do seu *Fubrer*, ficar sem a cabeça, ali mesmo em Cabo Verde, numa próxima visita da armada hitleriana. Mas B.Léza não hesitou nem um momento, e respondeu-lhe que Hitler nunca ganharia a guerra porque assim que os ingleses entrassem no campo de batalha muita coisa iria certamente mudar e que razão alguma justificaria jamais que as “forças do mal” tomassem posse de um mundo constituído apenas por uma raça, que conhecia o poder das armas mas desconhecia a existência e imensidão de uma Força Superior, que rege e domina o equilíbrio das coisas naturais.

Este episódio ocorrido com o oficial alemão no Mindelo levaria B.Léza a escrever mais tarde um pequeno livro dedicado aos conterrâneos mortos em pleno alto mar, vítimas dos ataques dos submarinos nazis e também a Winston Churchill, primeiro-ministro inglês da época. São também desta mesma época as famosas *morna-tango* de B.Léza, profundamente inovadoras a nível do ritmo e da melodia, entre as quais a que leva por título: *Hitler Shall Never Win the War, Never*, em inglês e *Hitler cá tá ganhá guerra ni nada!* em crioulo, cuja partitura B.Léza remeteu então ao primeiro-ministro inglês, através da embaixada de Inglaterra em Lisboa. acompanhada de um exemplar do seu livro *A Razão da Amizade Caboverdiana pela Inglaterra*.

HITLER CÂ TÂ GANHÁ GUERRA, NI NADA!

(Versão em crioulo)

Guerra é di nôs Aliado
Águia Negra é vencida
na campo di batalha.

Nô confiá na Britiche
nô pô fé na sê valor
Dér Fiúra stá vencido
cô tudo sê horror.

Churchill é um barra di aço
qui câ tâ derretê
...na mar, na terra e na ár
el tem qui vencé...

HITLER SHALL NEVER WIN THE WAR, NEVER!

(Versão em inglês)

The victory is for our allied!
The Black Eagle shall be ruined
on the battle field.
Let us trust on the British
let us have faith on their value
Der-Fuhrer is vanquished
with all his horror

Churchill is a steel bar
which will never be reduced
on the sea, on land, in the air
he will obtain triumph.

B. Léza
em
Lisboa



Pinura de António Firmino, acrílico sobre papel, da série "Postais Musicais de Cabo Verde"

No ano de 1940, B.Léza e a sua comitiva composta pela fina-flor dos músicos de Cabo Verde da época, chegam finalmente a Lisboa. Entre eles estão Lela de Maninha, Tchufe, Luís Rendall, Edy Moreno. Mas essa viagem começaria de forma atribulada, pois poucos dias depois, ao entrar no pavilhão de Cabo Verde na exposição, B.Léza, descobriu que alguns detalhes da decoração e dos textos afixados no seu interior não correspondiam à realidade caboverdiana: aspectos folclóricos, informação sobre os nativos do arquipélago ou ainda lendas não correspondentes às fotografias expostas. Os protestos da comitiva não se fizeram esperar e o Comissário, Henrique Galvão, nessa altura um dos responsáveis pela Exposição, foi obrigado a repor no pavilhão os aspectos condizentes com aquilo que B.Léza e os restantes companheiros iam descobrindo de errado.

Esta situação levou B.Léza a viajar pela capital lisboeta, descobrindo em cada canto os graves problemas de uma sociedade sofrida, atrasada, enxovalhada, reprimida e em contradição com a sua própria História. Destas viagens feitas por B.Léza pela cidade resultou um livro intitulado: *Como Eu Conbeci Lisboa*. A bem patente discriminação social, a ausência de planos de habitação, a iliteracia das camadas mais baixas da população urbana num país de riqueza colonial sem paralelo, estavam de tal modo patentes nessa obra que acabaria por ser proibida pela Censura do regime.

A permanência de B.Léza em Lisboa durou muito para além da *Exposição do Mundo Português*, daí resultando trocas de conhecimento e participações de vária ordem em espectáculos e movimentadas serenatas na zona de São Bento, onde B.Léza também viveu, visto ter fixado residência junto aos conterrâneos, morando em certa vez de 1940 a 41, primeiramente na Rua da Paz, depois na Rua Poço dos Negros, finalizando a sua estada em Lisboa ainda com passagens pela Calçada da Ajuda por Alcântara. Cabe aqui referir uma composição extremamente importante dessa fase lisboeta da vida de B.Léza, que assinala um momento muito significativo da vida artística da Lisboa dessa época, mais particularmente de um intercâmbio cultural ainda marcado pelos reflexos do lado positivo da “Exposição do Mundo Português”.

Esta composição, uma “morna-tango” intitulada “Nôte de Mindelo”, foi apresentada no Teatro da Trindade num espectáculo-concurso comemorativo de mais um aniversário da casa, tendo saído vencedora, na voz de uma jovem também caboverdiana, Rosinha Figueira, na altura estudante de enfermagem e que ainda hoje reside em Lisboa, estando já aposentada depois de muitos anos de trabalho nos hospitais civis e extramarinos de Moçambique e Timor. Ao que se sabe, foi a primeira vez que uma canção caboverdiana ganhou um concurso musical em Portugal, e as revistas de então disso fizeram notícia de capa, assim dando a conhecer pela primeira vez em Lisboa, e em Portugal, um exemplo da cultura musical de Cabo Verde.

A permanência de B.Léza em Lisboa durou muito para além da *Exposição do Mundo Português*, daí resultando trocas de conhecimento e participações de vária ordem em espectáculos e movimentadas serenatas na zona de São Bento, onde B.Léza também viveu, visto ter fixado residência junto aos conterrâneos, morando em certa vez de 1940 a 41, primeiramente na Rua da Paz, depois na Rua Poço dos Negros, finalizando a sua estada em Lisboa ainda com passagens pela Calçada da Ajuda por Alcântara. Cabe aqui referir uma composição extremamente importante dessa fase lisboeta da vida de B.Léza, que assinala um momento muito significativo da vida artística da Lisboa dessa época, mais particularmente de um intercâmbio cultural ainda marcado pelos reflexos do lado positivo da “Exposição do Mundo Português”.

Esta composição, uma “morna-tango” intitulada “Nôte de Mindelo”, foi apresentada no Teatro da Trindade num espectáculo-concurso comemorativo de mais um aniversário da casa, tendo saído vencedora, na voz de uma jovem também caboverdiana, Rosinha Figueira, na altura estudante de enfermagem e que ainda hoje reside em Lisboa, estando já aposentada depois de muitos anos de trabalho nos hospitais civis e extramarinos de Moçambique e Timor. Ao que se sabe, foi a primeira vez que uma canção caboverdiana ganhou um concurso musical em Portugal, e as revistas de então disso fizeram notícia de capa, assim dando a conhecer pela primeira vez em Lisboa, e em Portugal, um exemplo da cultura musical de Cabo Verde.

NÔTE DE MINDELO

Nôte de Mindelo
É sabe e silenciosa
Nôte de Mindelo
É branca e luminosa
Nôte de amor
De luar sim como prata
Nôte de Mindelo é sedutor
De odjo sim como nôs mulata

Coro

Mindelo
Paraíso de amor
Mindelo
Terra sabe encantados

Mindelo
Terra de lua e serenata
Mindelo
Berço de crioula e mulata

Nôte de Mindelo
De lua como sirena
Nôte morena
Manso e mimador
Mindelo
Na bô regaço em flor
Na regaço de bô mulata
Nô mimá nôs cretcheu

Mas a vinda a Portugal rendeu também para B.Léza uma das decisões mais importantes da sua vida, ao conhecer a mulher com quem casou. Uma jovem portuguesa natural da Figueira da Foz, de nome Maria Luíza, e que B.Léza mais tarde a rebaptizou, homenageando-a de “Mica”, uma deusa da mitologia grega, e que viria a ser o principal mote de inspiração de muitas das suas composições, melodias fundamentais hoje, na história da música de Cabo Verde.

A composição Luíza, é uma das primeiras de uma longa lista de canções inspiradas pela presença de Maria Luiza na vida de B.Léza.



Partitura da composição Luiza

Terceira parte da partitura da composição Luíza

LUÍZA (versão em português)

Amor, acorda, vem ver
 A noite de luar de ouro.
 Escuta esta serenata,
 Um poema de amor...

Coro
 Luísa vem sem medo
 Revelar esse segredo.
 Nossa alma em flor
 Exclamando amor...

Final
 Se nosso amor nasceu de uma loucura,
 Eu só quero viver dela.
 Não me negues tua ternura,
 Aliás, é facada mortal.

Outras das paixões de B.Léza e do povo caboverdiano é aquela que fica marcada talvez, chamemos-lhe assim, pela lei das afinidades. Quando o grande pensador e estudioso brasileiro Gilberto Freyre, chegou a Cabo Verde, surpreendeu-se ao testemunhar as semelhanças de comportamento e de natureza entre o seu povo e aquele que acabava de conhecer . Ao ser entrevistado por aquele sociólogo, B.Léza afirmou que, na sua opinião, Cabo Verde trazia dentro de si também um bocadinho do Brasil. Nascia assim a lindíssima morna *Brasil*, dedicada ao país irmão, e mais tarde interpretada magistralmente na voz de Bana quando a gravou na Holanda com o conjunto Voz de Cabo Verde, nos anos 60, no LP *Rotcha Nú*.

LP Rotcha Nu

LP *Rotcha Nú*, Bana e o conjunto
Voz de Cabo Verde, edição da
Casa Silva, Roterdão, Holanda,
Fotografia e capa de João Silva

BRASIL (morna)

Um bem... conchê
ês terra morena...
onde cada creoula
é uma serena.

Um bem nesse céu também d´anil,
nesse nôs terra piquinino...
q´é um pedacinho di Brasil...

Um bem... conchê
ês terra morena...
onde cada creoula
é uma serena.

Um bem nesse céu também d´anil,
nesse nôs terra piquinino...
q´é um pedacinho de Brasil...

Brasil... qui... nôs tudo tem na peito...
Brasil... qui nô tâ senti na sangue...

Brasiillll... bô é nosso irmão...
si c´má nôs bô é morena...
Brasil, nô crê bô tcheu,
nô crê bô tcheu di coração...

Brasil... qui nôs tudo tem na peito,
Brasil... qui nô tâ senti na sangue,
Brasil... bô é nosso irmão...

Si c´má nôs bô é morena
Brasil nô crê bô tcheu
nô crê bô tcheu na coração.B

Um vinte qui tâ bem di sul,
tâ trazé na sextante
cem mês de Brasil...

assim, nô câ tâ bá
nô câ tâ dixá'l...

Brasil, bô é nôs sonho...
bô é nôs céu azul...

Brasil... qui nôs tudo tem na peito
Brasil... qui nô tâ senti na sangue
Brasil... bô é nosso irmão...
sim c'má nôs bô é morena
Brasil nô crê bô tcheu,
nô crê bô tcheu di coração...

Brasil... qui nôs tudo tem na peito,
Brasil... qui nô tâ senti na sangue...
Brasil... bô é nosso irmão...
Si c'má nôs bô é morena
Brasil, nô crê bô tcheu...
nô crê bô tcheu...
nô crê bô tcheu di coração



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CONDECORAÇÃO

O Presidente da República concedeu, a título póstumo, a 1ª classe da Medalha do Vulcão ao Senhor Francisco Xavier da Cruz (B. Lapa), pela sua natural contribuição para o engrandecimento da Nação Cabo-Verdiana e para a afirmação dos valores de cabo-verdeanidade, através de sua extraordinária actividade nos domínios de criação artística, musical e da cultura em geral.

Praia, 5 de Julho de 1995.

O Presidente da República,

A. M.
ANTÓNIO MARTELL NUNES/RENÉ DOS GOMES MONTEIRO

Noite de Mindelo Morna Versão Música de B. Léza

M.M. $\text{♩} = 86$ INT. Voz

1ª v 2ª v

d.c.

B.lęza
por
B.léza

Lírica

B.Léza encontrou na música a grande força da sua expressão artística mais do que em qualquer outra forma criativa, embora tenha também espalhado o seu talento na literatura, nomeadamente através de romances, novelas, poesia, contos ou artigos de opinião social publicados em jornais, e em que a sua observação crítica incidiu sobre temas diversos, do sistema de educação á burocracia, da política ao funcionalismo público, sectores que bem conheceu quando foi primeiro-oficial telegrafista, funcionário camarário ou ainda chefe dos correios da ilha do Fogo.

Embora a música de B. Léza se espelhe mais na morna, não deixa de ser curioso registar igualmente a ironia e o seu sentido de observação expressos nas inúmeras coladeiras que dedica aos seus conterrâneos, uma forma de expressão bem típica do espírito rebelde das gentes da ilhas de Cabo Verde. É assim que a coladeira *Mindelense* nasce de um episódio-chave da história da velha rivalidade desportiva entre os dois clubes desportivos campeões do Barlavento e do Sotavento das Ilhas de Cabo Verde, respectivamente o *Mindelense*, de S.Vicente e o *Inter-Insular*, de Santiago. Falamos mais exactamente de um jogo de futebol realizado na Cidade da Praia na década de 50, em que a vitória do Mindelense lhe valeu a conquista definitiva do campeonato de Cabo Verde, um feito vivido com grande intensidade pelas gentes de São Vicente. Trata-se de uma coladeira única no seu género e ainda hoje lembrada pelos mais velhos. Lamentavelmente, no entanto, os seus registos radiofónicos encontram-se,

MINDELENSE

Coro

Já somá
“28 de Maio” *
Rebocádo de fumo
Tâ trazé Mindelense

Parte I

Oi!
Vamos a vêr
Q’zê que nô tem
Na quês onze menino
D’água de Maderal!

Parte II

Talióne** câ tem juízo
Na sês cabecinha
Nô tâ mandá Mindelense
Dás um liçôn de futebol

Parte III

Côtadim de talióne
Tanto corré na campo
Pô pé na borrache
É se Tejo*** dás licença.

* Navio que fazia a ligação entre as várias ilhas do arquipélago de Cabo Verde;

** Referência aos coletes de tipo italiano usado na época pelos naturais da ilha de Santiago;

*** Futebolista principal do clube Mindelense

Também a morna *Barca Sagres* está incluída numa nova fórmula de experiências musicais que B.Léza inicia nessa época, e a que chama *Morna-Fado*. Esta composição é dedicada ao comandante Cisnero de Faria, à Armada portuguesa e a fragata em questão, como preito de amizade e saudade do povo mindelense à cordialidade e aos serviços prestados em Cabo Verde pela tripulação da nau. É uma homenagem sincera daquelas que só o espírito do povo das ilhas poderia expressar, numa morna em que a influência do fado também se fizesse sentir. Porque se a morabeza caboverdiana é feita de autenticidade, de humanismo e de muito sentimento, a verdade é que também B.Léza nunca ficou indiferente a essa linguagem, que compreendia e sabia praticar como ninguém.



Centro da Cidade de Mindelo, S. Vicente, Cabo Verde, fotografia de A. Eloy

BARCA SAGRES (versão em crioulo)

Canto I

Seló, seló é Barca Sagres
Noiva de mar e de marinheiro,
Ninfa de Tejo, de porto facêro
Que ondas de oceano tâ bejá
Brisa de Spaço tâ mimá.

Coro

Ninfa de Tejo
Bô é galante e formosa
Strela de mar
Bô é mansa e garbosa
Ai co bô ar de rainha
De traço divinal
Bô é noiva de Marinha
Do nosso q'rido Portugal.

Canto II

Strela de mar, levá nô sodade
Na flor e scuma branco de bô água
Levá-le lembrança e sodade
E abraço dêz povo sincero.

BARCA SAGRES (em português)

Canto I

Navio à vista! É a barca Sagres!
A noiva do mar e dos marinheiros.
A Ninfa do Tejo, de modos faceiros...
A Ninfa, que as ondas do Oceano beijam
E as brisas do espaço acariciam.

Coro

Ó Ninfa do Tejo!
Tu és distinta e formosa;
Ó Estrela do Mar!
És meiga e donairosa;
Com os teus modos de rainha
De perfil divinal,
És a noiva da marinha
Do nosso querido Portugal.

Canto II

“Estrela do Mar” _ leva a nossa saudade
Na flor e espuma branca das tuas águas,
Que enviamos ao Comandante Cisneros;
Leva-lhe lembranças e saudades
E abraços deste povo sincero.

B.Léza sempre adoptou regras muito próprias em relação às suas composições. A questão da criação do género *Morna-Fado* é algo muito anterior à sua vinda a Portugal para a *Exposição do Mundo Português*. Alguns dos militares portugueses que eram destacados para Cabo Verde nesse tempo, por força do serviço ultramarino tocavam Guitarra Portuguesa. E de tanto escutar o fado, a simbiose entre esta expressão musical lusa e os ritmos crioulos nasceu naturalmente, como resultado de um processo criativo potenciado por afinidades latentes, numa relação de cumplicidade cultural como B.Léza sempre a entendeu, uma prática sem fronteiras. Assim, nesta composição, dedicada à *Barca Sagres* nasceu primeiro o poema e logo depois a melodia. Porém, outro exemplo significativo do processo de composição das *mornas-fado* está bem patente na canção *Bejo di Sodade*, que viria também a ser conhecida por muita gente como *Ondas Sagradas do Tejo*.

Em Portugal, Lisboa acabou por ser a plataforma giratória dos encontros entre B.Léza e José Viana, João Villaret, António Pedro, entre outros; uma roda viva de convívios e tertúlias culturais muito em moda na época, nos bairros mais populares de Lisboa: Bairro Alto, São Bento, as ruas do Poço dos Negros e dos Poiais de São Bento, a colectividade popular existente ao tempo na Rua da Paz, Rua da Boavista, São Pedro de Alcântara, Calçada da Glória, o Teatro da Trindade ou ainda o salão de festas do Cinema Odéon. Presente em grande parte desses momentos, o fado viria assim também a enraizar-se nas melodias do compositor caboverdiano, dessa forma se ligando, talvez inconscientemente, as raízes deixadas pelos sons do *lumdum* primitivo com os da nova música crioula nascente, assim se desenvolvendo essa simbiose criadora, viva e fresca, experiência única do dar e do receber em alguém cujo espírito não dorme tão cedo.

A Dança da Morna

Muito se tem escrito sobre a Morna como poesia e como canção, mas, pouco se tem dito ou feito no campo coreográfico da nossa bela forma musical, estando aí, uma das maiores características e expressiva força que, com toda a pujança da verdade define a arte plástica e o sentido musical do nosso povo.

O caboverdiano é, por composição nata, músico, cantor e bailarino. Assim sendo, procuremos definir, mesmo que resumidamente, o sentido da Morna como dança.

Todos os povos compreendem, interpretam e sentem com entusiasmo as momices das danças americanas e sabem imprimir-lhes o swing; todos conhecem o ritmo esfuziante do samba e do baião; todos adoram a cadência sensual do tango e o ardor da rumba cubana; todos apreciam a beleza da valsa, a elegância da polca e da mazurca. Porém, só nós, caboverdianos, sabemos e compreendemos a nostalgia, a saudade, o amor e o lirismo da nossa dança. É que a Morna, é uma mistura etnológica de folclores que define a história dos povos luso-crioulos, é a dança que domina uma raça inteira. Dança meiga e embaladora, expressiva de ternura que apenas é entendida em Cabo Verde, onde um povo romântico dança afogando a miséria, vivendo o amor ao som de orquestras harmoniosas, dentro de um ambiente local de independência familiar. No seu compasso lento amoroso, quase arrastado, a tradução da saudade que a Morna transmite, nostalgias, romantismo das gentes caboverdianas. Aqui, um povo por efeito climático é também um povo étnico, retintamente tropical que entregue à sua música é sentimental como a dança que a ela está ligada. Assim, para nós, não há música como não há dança mais palpitante nem mais bela do que a nossa Morna!

M O R N A

Grito de alma embalando fagueiro...
Em bem suave e lânguido abraço,
Este povo tão nobre e altaneiro.

Sonho eterno de um povo miserando...
Dormindo oculto em brando regaço,
Sonhos mil de ventura sonhando.

Voz de creoula carpindo saudade
Por noites de refulgente espaço,
Em notas de suave caboverdianidade!

Soluço dolente que se esvai no céu
Desta terra Lusa, de filhos baços...
Onde o amor é mais doce... é sim, “cretcheu”.

Morna! “Doce poema, dança e cantares”...
Pranto e alegria de Eugénio Tavares!

Morna! Lenitivo d’alma Hesperitana...
Epopéia da raça Caboverdeana!”



Bronze, pintura de António Firmino, acrílico sobre tela

Alguma Poesia

B. Léza deixou várias obras de poesia, algumas editadas ainda durante a sua adolescência e outras que permaneceram inéditas até aos nossos dias. Como parte das comemorações do centenário do também poeta, *minino*, *fidjô di sôncente*, aproveitamos assim para dar a conhecer ao público alguns dos seus inéditos.

Algumas das poesias de B.Léza são o resultado de pedidos feito por amigos ou por pessoas que o procuravam numa ou noutra hora de paixão ou na ressaca de brigas de namorados, aproveitando a disponibilidade que B. Léza sempre manifestava para esse efeito. Situações houve em que o autor foi inclusivamente solicitado para escrever homenagens a pessoas ilustres que chegavam à ilha ou simplesmente passavam pelo arquipélago, para assinalar comemorações de datas importantes, etc. Outras poesias, como as que integram as colectâneas Flores Murchas, Fragmentos e Uma Partícula da Lira Caboverdeana, revelam já outro trabalho metódico e sincronizado de escrita em verso, em que B.Léza também se revelou um mestre desde quando, ainda jovem, editava poemas em pequenos fascículos que dedicava às conterrâneas.

Barca Sagres Morna de B. Léza

Handwritten musical score for "Barca Sagres Morna de B. Léza". The score is written on ten staves. The first staff is a treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). It begins with an "Int." (Introduction) and ends with a "Voz" (Voice) section. The second staff is a bass clef. The third staff is a treble clef with a 9/8 time signature and a first ending bracket labeled "1ª v.". The fourth staff is a bass clef with a 9/8 time signature and a second ending bracket labeled "2ª v.". The fifth staff is a treble clef. The sixth staff is a bass clef with a 9/8 time signature and a first ending bracket labeled "1ª v.". The seventh staff is a treble clef with a 9/8 time signature and a second ending bracket labeled "2ª v.". The eighth staff is a treble clef with a 9/8 time signature and a double bar line. The ninth and tenth staves are empty, with a few notes and rests written below the lines.

Quatro Poemas Inéditos

I) A DÚVIDA

Rosto frio, pálido, mortal,
Tanta vez moribundo nesta vida,
Se acaso o repouso te é fatal
Renasce, se na esperança vês guarida.

Mas se os olhos que acabastes de fechar
Não antevêem um futuro gracioso
Continua no teu leito cavernoso
E aguarda um outro verão que há-de chegar.

Oiço aqui, um pássaro que canta,
E acolá, um homem que murmura.
Estão tecendo a imagem duma santa
Sobre as pedras da tua sepultura.

Oh! Como é triste, pesado e misterioso,
O bater da areia num caixão;
Faz pensar num caminho duvidoso
E depois... tudo o mais é escuridão.

Mas, há sempre um “mas”
Que rege o tudo e o nada,
Há sempre um “e”
Que aumenta e que desfaz,
Há sempre um leito de dor apetedida:
É uma canção que vai morrendo em vida
Porque na vida o corpo também “jaz”.

Canta-a! espalha-a!
Ilude-te!
Sim... ilude-te!

Que a certeza é tanto a voz da Morte,
Como o receio é sempre a voz da Vida.
E neste coro tão louco e estropiado,
Somos cantantes dum tema desesperado,
Em cuja letra está escrita a nossa sorte.

II) ROSEIRA DO MATAGAL

Assim desta maneira,
Co'esses tantos espinhos
Que tuas flores bloqueiam,
Diz-me, linda roseira:
Os meigos passarinhos
Que ali borboleteiam,
Vão em galhos poisar
P'ra o seu hino cantar?
De flor, poisando em flor,
As belas mariposas,
De cores sem igual,
Alegres e nervosas,
Vão beijando c'ardor
As violetas do matagal.

Acho-te agora mais formosa,
É mais suave teu perfume;
És elegante e vaporosa,
Mas, acaso, não sentes ciúme?
Olha as mimosas violetas
Onde saltitam as borboletas!

...

Diz-me agora linda roseira:
A violeta do matagal;
A tua amiga e companheira,
É acaso tua rival?

III) LÁGRIMAS

Lágrimas
São cristalinas estrelas,
Plácidas, singelas,
Formosas e belas;
São ricos diamantes,
Níveos, cintilantes,
Rosas de pranto e emoção,
Que nascem no coração!

Lágrimas
São pérolas
Santas e belas,
São beijos d'água
Cheios de mágoa
A reflectir
O nosso sentir;
São ondas de pranto a diluir
Em sublime unção,
Tudo que há no coração!

Tenho tantas lágrimas
E gosto tanto delas...
São puras, singelas,

E traduzem o meu sentir;
Tenho lágrimas nos olhos a tremeluzir,
Mas choro por devoção,
P'ra suavizar meu coração!

É sublime
A lágrima que exprime
A dor, a emoção
D'um coração!

A lágrima suaviza,
Ameniza,
Os sofrimentos d'alma;
Desfaz a calma,
As emoções
Das nossas ilusões!

IV) JURAMENTO

Vem, minha Deolinda!
Encosta-te ao meu peito;
Fala séria, em jeito;
Dize sem vacilar,
Fala sem titubear:
Jura p'la mocidade
Dizer toda a verdade:
- quantos amantes tiveste ainda?

Pelas águas do mar
Que em seu constante arfar,
Abençoam c' ardor
O nosso intenso amor,

Jura, vamos, Deolinda,
- quantos amantes tiveste ainda?
Fala, sim, sem ardil
Nesta voz infantil;
Jura, anjo das minhas dores,
Que nunca outros amores,
Além do meu profundo,
Tiveste neste mundo.

Com riso celestial,
Jure a boca coral,
Que adoro com loucura,
Que humana criatura,
Além de mim, teu sonho.
Jamais beijou teu rosto!
Vamos, jura minha linda:
- tiveste outro amante, Deolinda?

Referências

Titina de B.Léza ...

Esta brochura não ficaria completa sem uma observação efectiva sobre três personalidades caboverdianas relacionadas com B.Léza no campo artístico, todas contemporâneas e naturais da ilha de São Vicente. Em primeiro lugar citamos a cantora Ernestina Rodrigues, mais conhecida por Titina de B.Léza, a voz que efectivamente mais tem divulgado ao longo de uma carreira de muitas décadas a obra de B.Léza, com uma dedicação, um saber e um carisma que não têm paralelo em nenhuma outra intérprete do arquipélago.

Não queremos também deixar escapar este momento singular sem chamar a atenção para que as normas da aplicação das leis musicais do método exigido pelo autor, de acordo com o estilo sob cuja base as suas composições foram desenvolvidas e chegaram até nós. Falamos da cadência que viria a ser conhecida como *melodia vicentina*, esse estilo característico que B.Léza criou e a que Titina deu continuidade, herança e valor através de uma interpretação que tão bem o respeita, quer pela sua voz ou pela sua presença em palco, quer pela emoção que em disco nos transmite.

Nas interpretações de Titina há uma candura feita de sinais históricos, cativantes, únicos, que nos remetem não só para o universo sonoro do que B.Léza representa, mas para toda a expressão da cálida musicalidade das terras do Trópico de Câncer.

Independentemente do lugar em que aconteçam, elas são uma homenagem permanente a esse património precioso da cultura de Cabo Verde. E é esse o valor mais que leva o povo das ilhas a chamar-lhe Titina de B.Léza.



N.F.
Antonio Ferrino
2005

Mas na sua modéstia proverbial, foi exactamente Titina quem nos alertou para o facto de ter sido Celina Cruz _ hoje uma senhora de idade avançada, que reside nos E.U.A. desde há muitos anos _ a primeira voz caboverdiana a interpretar as canções de B.Léza. Outras vozes têm igualmente marcado presença no mundo, interpretando as melodias de B.Léza. Desde os históricos Fernando Quejas, Marino Silva e Edy Moreno (os primeiros a chegar a Portugal) é longa a lista de músicos e cantores crioulos que interpretaram as canções de B.Léza. Nela se incluem, ainda numa primeira fase, nomes como Maria da Luz, Anabela e Mário de Melo, Bana e Djosinha (individualmente ou no quadro do lendário grupo “Voz de Cabo Verde”), Luís Morais, Travadinha ou Chico Serra, Luís Rendall e o seu grupo folclórico de Cabo Verde, mais tarde Paulino Vieira (com magistrais arranjos), e ainda Ana Firmino, Armando Tito, Djack Monteiro, Laugino, Bau, Cesária Évora, “Tubarões”, Tazinho, Celina Pereira, Gardénia Benrós, Jorge Sousa, Dany Silva, os grupos Musicais Rabasa e Simentera, entre tantos mais espalhados pelas sete partidas do mundo onde existem artistas e comunidades de emigrantes caboverdianos.



LP Titina Canta B. Leza

Bana...

Nos anos 60, já bem depois da morte de B.Léza, Bana deixa Cabo Verde com destino a Dakar, no Senegal, e de lá vem para a Europa onde se integra no grupo musical “Voz de Cabo Verde”, fundado na época por conceituados intérpretes e compositores como “Frank” Cavaquinho, Morgadinho, Luís Morais, Jean da Lomba e Toi Ramos, assim se dando início a um dos momentos mais criativos e importantes na história da música de Cabo Verde. Com o seu notável poder de interpretação, Bana traz ao grupo uma imagem poderosa, marca que ainda hoje perdura no ouvido e na memória de quem teve a felicidade de assistir aos espectáculos da “Voz de Cabo Verde” na Europa e em alguns países africanos.

Bana, natural de *Soncente*, como de hábito dizem as gentes de Cabo Verde, era “menino de casa” de B.Léza e, ao longo de vários anos muitas foram as vezes em que emprestou a sua voz às melodias que B.Léza ensaiava. Foi assim que o popular cantor caboverdiano desenvolveu o seu estilo muito próprio de cantar, no qual está gravado o cunho exclusivo que B.Léza impunha e fazia sentir a quem cantasse em sua casa. Esse estilo é marcado por redobrada exigência de qualidade a nível do sentido da lírica, do compasso e da cadência. E tudo isso Bana aprendeu, assim se dotando de capacidades que muito contribuíram para que tenha conseguido, ao longo de uma longa e celebrada carreira artística, valorizar de maneira invulgar não só as composições de B.Léza como toda a cultura musical de Cabo Verde.



Pintura de António Firmino, acrílico sobre papel, da série "Postais Musicais de Cabo Verde"

... e António Firmino

Artista plástico, criador de algumas das melhores imagens clássicas da cultura e da vida quotidiana em Cabo Verde, António Firmino tem sido também um apaixonado pela cultura musical do seu país. Através das suas telas em acrílico pode reconstituir-se a trajectória da vida social do seu país, e nelas vamos descobrindo vários e importantes momentos históricos onde aprendemos a conhecer um povo e os seus valores, registados por um pincel oportuno e talentoso, testemunha de muitas serenatas na década de 50 no Mindelo, de que é protagonista o compositor que é tema deste opúsculo.

Mas António Firmino é igualmente um tocador, e na sua maneira mais crioula de ser, também ele soube construir o seu bocadinho de música.



**Pinturas de António Firmino, da Série
"Postais Musicais de Cabo Verde"**





Pintura de António Firmino, da Série
"Postais Musicais de Cabo Verde"

Estamos assim em presença de um artista popular polifacetado, amante do improviso criativo, cuja pintura não esquece as raízes e que tão insistentemente relembra B.Léza tanto através da música como da pintura.

A síntese dessa paixão do pintor pela música pode encontrar-se numa iniciativa recente de António Firmino, única em Cabo Verde: os “Postais Musicais de Cabo Verde”, pinturas em acrílico sobre papel em dimensão reduzida, onde B.Léza surge repetidas vezes como personagem mais ou menos central de histórias reais de muitas noites inesquecíveis vividas pela geração, ela também, se nos permitem, de claridosos da construção de uma outra forma de criar música em que B.Léza deixou uma marca inconfundível. É essa marca, esse traço distintivo de uma geração peculiarmente criativa, que perpassa nos tons e nas cores dos retratos de António Firmino, sempre com B.Léza na memória e na tela. A ela também não será certamente alheia a influência da sua companheira, a cantora Ana Firmino, consagrada nessas noites de serenata e factor de desenvolvimento de um novo compasso no caminho da música pelos quatro pontos cardeais da ilha de São Vicente.

Notas Biográficas

Francisco Xavier da Cruz, mais conhecido por B.Léza, nasceu a 03/12/1905 na Ilha de São Vicente, Cabo Verde e faleceu a 14/06/1958 em São Vicente, Cabo Verde. Foi funcionário público na Câmara Municipal de São Vicente e na Ilha do Fogo, como chefe dos correios. Visita Portugal pela primeira vez em 1940 por ocasião da Exposição do Mundo Português, delegando a comitiva de artistas caboverdeanos. É nessa altura que B. Léza e outros dois músicos caboverdeanos (Edy Moreno e Lela de Maninha) decidem estabelecer-se em Portugal. Permanece em Lisboa por mais de um ano. Faleceu durante uma intervenção cirúrgica à coluna vertebral, isto já em Cabo Verde para onde tinha regressado. As suas mornas são experiências de reinvenção de coladeras, fados e tangos. As suas composições não eram alheias à realidade sua contemporânea, como seja a II Guerra Mundial ou o Colonialismo.

Se é com Eugénio Tavares, o grande poeta da Ilha Brava, e Luís Rendall, o grande violinista compositor de São Vicente, que a morna toma forma e conhece a notoriedade, é com B.Léza que a morna caboverdeana ganha o estilo cadenciado que conhecemos actualmente (é aí que surge a morna vicentina).

Foi músico, compositor, intérprete, escritor, investigador, pedagogo e poeta. Viveu perto de nós, na Rua da Paz e na Rua Poço dos Negros, em Lisboa.



Sêlo de Homenagem a B.Léza da Companhia de Telecomunicações da República de Cabo Verde



Primeiro Boeing 757 da TACV, baptizado em 1996 com o nome B.Léza.

Bibliografija ę discografija

Bibliografia

B.Léza deixou uma pequena bibliografia dispersa, e que inclui trabalhos em vários estilos literários, do conto à novela, passando pela poesia em crioulo e em português, e sem esquecer o diário de viagem, resultado da sua visita a Lisboa na década de 40, proibido pela censura fascista do regime de Salazar visto o livro fazer uma acérrima crítica às condições de vida da população portuguesa da época.

B.Léza também escreveu na citada *A Razão da Amizade Caboverdiana pela Inglaterra*, homenagem aos ingleses que se fixaram na ilha de São Vicente durante a II Guerra Mundial, devido á contribuição dada por essa comunidade ao desenvolvimento da ilha através da criação de empresas, da introdução de novas modalidades desportivas e de novas palavras na expressão do crioulo falado nas ilhas do Barlavento, em especial São Vicente. Neste livro está incluída a letra da famosa morna *Hitler Jamais Vencerá a Guerra, Jamais!* Dedicada aos conterrâneos marítimos, vítimas dos bombardeamentos dos submarinos nazis e ao primeiro-ministro inglês, Winston Churchill, que reproduzimos neste caderno.

Poesia Popular: Canção Criola, Uma Partícula da Lira Caboverdiana,

Poesia: Flores Murchas, Fragmentos

Contos: Passo-Pinto e Passarão,

Romance: Os Meninos do Lombo

Novela: Miss Geny

Diário de Viagem: Como Conheci Lisboa

Além destas obras, deixou-nos ainda B.Léza o ensaio *A Dança da Morna*, um outro trabalho (inacabado) escrito em estilo tradicional, onde se explica as origens, os sentimentos e as envolvências da expressão musical mais apreciada em Cabo Verde, a Morna. Igualmente inacabados ficaram vários cadernos de poesia ainda sem título, um conto inspirado nos programas da educação escolar em Cabo Verde, fortemente crítico da política das autoridades coloniais portuguesas e ainda um estudo sobre a relação entre a escravatura e a emigração caboverdiana.

Discografia

Podemos encontrar composições de B.Léza em quase toda a discografia caboverdiana., inclusivamente nos trabalhos de intérpretes ligados a outras origens musicais ou a estilos e tipos de arranjos mais recentes. No entanto ou talvez por isso mesmo - não quisemos deixar fugir a oportunidade - única também, ao que sabemos - de incluir neste trabalho uma pequena mas, a nosso ver, relevante informação sobre as primeiras colectâneas discográficas em que surgem temas deste autor. São gravações históricas que datam dos anos 30, efectuadas nos estúdios da Rádio Nacional do Barlavento e em que a par de B.Léza surgem outros músicos caboverdianos de grande renome na época: António Tchiche, Tchouf, Lela de Maninha, Luís Rendall, Mochim do Monte, Olavo Bilac, Manim Estrela, Ti Goi (Gregório Gonçalves), Manuel de Novas e Djack Monteiro, os mais divulgados numa época recheada de ricas experiências de intercâmbio cultural e de criatividade artística.

Discografia básica de B.Léza (incompleta)

Nb - Obras de autores caboverdianos que incluem composições de B.Léza

Single “Fernando Quejas”, Fernando Quejas, Rádio Triunfo, Lt^a,
Alvorada, 1960

LP “Djosinha com Voz de Cabo Verde”, Djosinha, BIEM,
Siegro Studio´s Roterdão, Holanda 1966

LP “Rotcha Nu”, Bana, Edição Voz de Cabo Verde, Saint Roche, Paris,
1967

LP “Miss Unidos”, Bana, Polysom 1969

Single “Mornas e Coladeiras”, Marino Silva, Rádio Triunfo, Ld^a,
Alvorada/BIEM, 1969

Single “Cabo Verde”, Tazinho, Rádio Triunfo, Ld^a, Alvorada/BIEM,
1969

LP “Nha Terra”, Bana/Luís Morais, BIEM, Siegro Studio´s
Roterdão, Holanda, 1970

LP “Dor di nha Dor”, Bana, Produção Monte Cara, Angel Studios,
1983

LP “Luís Rendall, Memórias de um Violão”, Luís Rendall,
Produção de João Freire, Edição da Associação de Amizade Portugal -
Cabo-Verde, Angel Studios, 1983

LP “Pleno”, Tazinho, Protazio Brito 1986

LP “Titina Canta B.Léza”, Titina, Discos Porto Grande, Angel Studios
1988

LP “Estória, Estória...”, Celina Pereira, EMI, Valentim de Carvalho,
Angel Studios 1988

LP "Carta de nha Cretcheu", Ana Firmino, Valentim de Carvalho, Lisboa
1989

LP “Distino di Belita”, Cesária, Lusáfrica, Studio Music, Angel Paris
1992

CD “Titina Canta B.Léza”, Titina, Lusafrica/Blau Caraiber/Melodie
1992

CD “Colectânea de Mornas de Cabo Verde”, Cesária Évora, Bana,
Celina Pereira, Titina, Bau, Lusafrica/Sonovox - 1994

Single “Mindelense”, SACEM/SDRM, Paris, s/d

CD “Raiz”, Simentera, Lusafrica, Paris - 1995

CD “Djonsinho Cabral”, Tubarões, Sons de África/Valentim de
Carvalho, Lisboa 1996

CD “Pensamento”, Alcides, Edições Afrika, Gravison, Lisboa 1996/7

CD “One World”, Bau, Lusafrica, Paris 2000

CD “Blimundo”, Bau, Lusafrica/BMG, França 2000

CD “Mar Azul”, Cesária Évora, Lusafrica/Melodie

CD “Miss Perfumado”, Cesária Évora, Edição Lusafrica/Melodie -
1992

CD “Morna Nôs Herança”, Gardénia, Talent Productions/Credits, USA
2001

CD “Música de Cabo Verde”, Rabasa, Fonti Musicali Roterdão, Holanda
2000

CD "Carta de nha Cretcheu", Ana Firmino, Cais 14 Estúdios e
produções, Lisboa 2000

CD “São Vicente di Longe”, Cesária, Lusafrica/RCA/BMGParis,
França 2001

CD “Sentimento”, Djak Monteiro, BA Música, Lda., RB Records, INC,
Boston, EUA 2002

CD Colectânea Rui Machado (5 edições temáticas) Lisboa, 2000-2004

li len sa-ri e sa-ri a-ri
 un go-ri no tá-ri... Gra-deo tá-ri a-ri... tá-ri a-ri...

li len sa-ri no do tá-ri a-ri...

tá-ri a-ri... tá-ri a-ri...



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Social Europeu

